

Identidade de Zygmunt Bauman

Por Amael Oliveira¹

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

Resumo:

Esta resenha apresenta a entrevista concedida por Zygmunt Bauman a Benedetto Vecchi e organizadas em livro intitulado *Identidade*. Partindo de sua própria experiência de refugiado em outro país, a obra trata, não só da questão da identidade no mundo líquido-moderno, mas também da própria condição do sujeito contemporâneo na medida em que desenvolve, de um lado, questões como deslocamento, pertencimento, fragmentação, subclasse, exclusão social e, de outro, relaciona esses mesmos conceitos aos fenômenos contemporâneos da globalização como a internet, celulares com fones de ouvido, celebridades, solidão e abandono.

Palavras-chaves: Identidade, pós-modernidade, globalização, pertencimento, fragmentação.

Publicada inicialmente em 2004 por Polity Press de Cambridge, Inglaterra, traduzida para o português por Carlos Alberto Medeiros e publicada pela Jorge Zahar Editor em 2005, a entrevista sobre identidade no mundo líquido-moderno concedida a Benedetto Vecchi por Zygmunt Bauman não poderia ter outro veículo de contato, senão um dos mais censurados e também aplaudidos fenômenos da contemporaneidade: a internet.

Em sua própria estruturação discursiva, a obra já fala de questões contemporâneas como e-mail, celulares com fones de ouvido, cultura pop, celebridades e *slogans* publicitários. O próprio Vecchi (2005, p. 7) reconhece o caráter singular da entrevista na elaboração do projeto de analisar a questão da identidade, seja pela lacuna na pressão do tempo entre os e-mails, seja pelo ritmo fragmentário entre as trocas de pergunta e resposta.

¹ Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: amael.oliveira@aracaju.se.gov.br

As entrevistas fogem um pouco ao padrão por não terem sido realizadas com um gravador e porque entrevistado e entrevistador nunca estiveram face a face. O e-mail foi o instrumento escolhido para o nosso diálogo (...). Na ausência da pressão do tempo e do face a face, nosso diálogo a longa distância foi caracterizado por muitas pausas para reflexão, pedidos de esclarecimentos e pequenos desvios para assuntos que originalmente não pretendíamos abordar. (VECCHI, 2005, p. 7)

Contudo, foi essa mesma fuga ao padrão de entrevistas centradas no olho a olho que produziu uma obra que espanta pela perspicácia da análise e pela coerência dos debates. Bauman dialoga em suas respostas a Vecchi com o tecido discursivo de importantes sociólogos do século XIX e XX como Weber, Durkheim e Georg Simmel e de pensadores como Marx, Renan, Baudelaire, Jorge Luís Borges, Walter Benjamin e Jacques Derrida.

Elaborando um discurso que não deixa de dialogar com todos esses nomes da intelectualidade dos dois últimos séculos, Bauman, extraindo elementos de sua própria biografia, traça o quadro do que chama de “época líquido-moderna”, em que o “mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sessão de episódios fragilmente conectados” (BAUMAN, 2005, p. 18).

Nascido em 1925 numa família judia polonesa, Zygmunt Bauman escapou para a União Soviética no início da Segunda Guerra Mundial, alistando-se no Exército Vermelho para enfrentar o nazismo. Começou seus estudos em sociologia ao retornar a Varsóvia com Stanislaw Ossowski e Julian Hochfeld, dois intelectuais poloneses pouco conhecidos fora de seu país. Participou do “Outubro polonês” de 1959, quando um influente movimento reformista desafiou a liderança do Partido dos Trabalhadores Unidos. Foi impedido de lecionar pelo Partido Comunista polonês e mudou-se para a Inglaterra, onde vive até hoje.

Essa vida conturbada faz do polonês judeu, perseguido pelo nazismo e depois pelo Partido Comunista da Polônia, um intelectual deslocado que confessa se sentir “um estrangeiro, um recém-chegado – não fazia muito tempo, um refugiado de outro país, um estranho” (BAUMAN, 2005, p. 15). A partir dessa dolorosa experiência de

refugiado, expulso do próprio país, o sociólogo desenvolve o conceito de “deslocamento”.

Em todo e qualquer lugar eu estava – algumas vezes ligeiramente, outras ostensivamente – deslocado. (...) Estar total ou parcialmente “deslocado” em toda a parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e seja vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. (BAUMAN, 2005– p. 18–19)

A esse caráter de deslocado, Bauman opõe um sentir-se *Chez soi* “em casa”, mas alerta que mesmo esse quadro é superficial e bastante fluído, pois “o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar algum se vai estar total e plenamente em casa” (BAUMAN, 2005, p.20).

A postura do sociólogo, neste sentido, sai da busca de um significado essencial para os fenômenos para destacar o processo mesmo de busca. Na verdade, sua teoria foge de qualquer tipo de essencialismo. Nada é seguro e sólido. Todas as coisas são líquidas e se movem com fluidez por entre os dedos da mão. Não há uma identidade–em–si. Haveria, em sua opinião, apenas um horizonte, ou melhor, uma direção que mesmo assim se configura não como um caminho, mas como um movimento em direção a alguma coisa ainda indeterminada.

Se você fica instigando a declarar a minha identidade (ou seja, o meu “eu postulo”, o horizonte em direção ao qual eu me empenho e pelo qual eu avalio, censuro e corrijo os meus movimentos), esse é o máximo a que me pode levar. Só consigo ir até aí... (BAUMAN, 2005, p. 21)

Sobre esse aspecto, o estudioso polonês se utiliza da metáfora do jogo de quebra–cabeça para explicar esse caminho em direção a uma identidade desconhecida. A metáfora funciona da seguinte maneira: assim como o quebra–cabeça, a identidade seria formada por peças, ou ainda, pedaços, porém, ao contrário do jogo comprado em uma loja de brinquedos, o quebra–cabeça da identidade só pode ser

compreendido, se entendido como incompleto, “ao qual faltem muitas peças (e jamais se saberá quantas)”, acrescenta (BAUMAN, 2005, p. 54).

Para Bauman, enquanto um quebra-cabeça comum já pressupõe uma imagem final, onde a criança tem apenas o trabalho de unir as peças que também foram elaboradas de acordo com essa imagem fim, na identidade o sujeito precisa unir peças de várias imagens diferentes, por vezes conflitantes, e nunca possuirá um resultado unificado e coeso. Outra grande diferença entre o brinquedo e a construção identitária é que, no primeiro, todas as peças do jogo estão presentes, não há lacuna, nada está sobrando, tudo já está prestabelecido, se algo faltar, a criança volta à loja e devolve o brinquedo, usando o argumento de que ele está incompleto e, por isso não serve para brincar. Enquanto no jogo a tarefa é “direcionada para o objetivo” (montar uma imagem pronta), no caso da identidade, o trabalho é “direcionado para os meios” (BAUMAN, 2005, p. 55).

O autor ainda exemplifica essa montagem da identidade a partir de um *slong* publicitário espalhado pelas ruas de Berlim em 1994. Neste texto, o sujeito é descrito pelos bens consumidos que, por sua vez, são expressões de diversas culturas do mundo. “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro” (BAUMAN, 2005, p. 32).

Essa problemática, acrescenta, é um fenômeno recente, para ser mais exato da era da globalização. E isso basicamente por dois motivos: a revolução dos transportes e o enfraquecimento do poder aglutinador das vizinhanças. “As margem incharam rapidamente, invadindo as áreas centrais da coabitação humana. De súbito, era preciso colocar a questão da identidade” (BAUMAN, 2005, p. 25).

Ao apontar o surgimento da identidade como um problema na era do pós-guerra, Bauman dialoga com importantes pensadores contemporâneos, como Stuart Hall para quem também a globalização seria o processo sintetizador da mudança de postura do homem em relação a sua identidade. “Globalização significa que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação” (BAUMAN, 2005, p. 34).

Assim como Bauman, Hall defende que uma das principais alterações provocadas por esse processo seria a “compressão do espaço-tempo”, uma espécie de a “aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor que as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância” (HALL, 1999, p. 69).

O impacto do fenômeno global reflete também na compreensão que os sujeitos modernos têm das fronteiras de sua própria nação. Como Hall, Bauman também se preocupa com a identidade nacional. Para o sociólogo polonês, a identidade nacional seria uma espécie de identidade “superior” a todas as demais, de classe, de gênero, por exemplo, isto porque, ela se impõe como niveladora de todas as “menores” formas de identificação que cada sujeito estabelece entre si e os outros. A nação serviria para traçar fronteiras entre o “nós” e o “eles” e seria fruto da aproximação entre o território domiciliar e a soberania individual do Estado. A identidade nacional seria, então, uma forma prioritariamente de exclusão.

Dialogando como o texto de Ernest Renan, Bauman argumenta que a identidade nacional se firmaria em cima de um “plebiscito diário”, termo cunhado pelo historiador francês, “um projeto a exigir uma vigilância contínua, um esforço gigantesco e o emprego de boa dose de força a fim de assegurar que a exigência fosse ouvida e obedecida” (BAUMAN, 2005, p. 27).

Mais uma vez mantendo uma relação intertextual como o texto de Hall, o sociólogo aponta duas reações das nações diante do processo de globalização, que teria provocado a “ressurgência do nacionalismo”. Uma seria a tentativa séria de encontrar um modo de proteger-se dos “ventos globalizantes”, a outra seria uma “reavaliação do pacto tradicional entre nação e Estado”, porque cada vez menos benefícios este último tem a oferecer em troca da “lealdade exigida em nome da solidariedade nacional”. Em ambas as situações, ocorre, segundo o autor, a “erosão da soberania nacional” (BAUMAN, 2005, p. 62).

Ao explicar que a escolha do “pertencer-por-nascimento” como elemento identificador da nacionalidade não é “natural”, mas uma “convenção arduamente

construída (...), produto final de antigas batalhas postergadas” (BAUMAN, 2005, p. 29), o estudioso polonês também dialoga com o texto de Renan no que o historiador francês chamou de esquecimento das batalhas da origem. “El olvido, e incluso diria que el error histórico, son un factor esencial en la creación de una nación” (RENAN, 2000, p. 56).

Mas, conforme se colocou no início, Bauman também realiza uma análise bastante crítica do processo de globalização, principalmente no que se refere ao uso das novas tecnologias, como a internet. Segundo ele (BAUMAN, 2005, p. 30–31), a perda das “âncoras sociais que faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável a identificação” gera uma busca desesperada de um “nós” nesses meios “eletronicamente mediados”, o que provocaria o enfraquecimento da “capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais”.

Citando Andy Hargreaves, o sociólogo polonês explica que a introspecção seria uma atitude em extinção, pois em momentos de solidão, as pessoas deixariam de pensar em si mesmos para verificarem as mensagens deixadas no celular, “em busca de algum fiapo de evidência de que alguém, em algum lugar, possa desejá-las ou precisar delas” (BAUMAN, 2005, p. 32).

É ainda desse quadro angustiante que emerge o herói da modernidade, símbolo do “indivíduo livremente flutuante, desempedido”. O oposto dessa postura “estar fixo – ser identificado de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto” (BAUMAN, 2005, p. 35). Ele deveria estar em estado permanente de auto-criação, como o Don Juan de Molière.

Esse “herói da modernidade” não poderia ser um colecionador, já que para ele só contava o “aqui e agora”, a fugacidade do momento. Se de fato colecionasse alguma coisa, faria uma coleção de sensações, emoções, *Erlebnisse*. E as sensações são, pela própria natureza, tão frágeis e efêmeras, tão voláteis quanto as situações que as desencaderam. A estratégia de *carpe diem* é uma reação a um mundo esvaziado de valores que finge ser duradouro. (BAUMAN, 2005, p. 59)

Essa condição don-juanesca seria o oposto do que simbolizaria uma “identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída”, pois isso seria “refutar a onda de oportunidades mutáveis e de curta duração”. A sociedade rejeita essa postura de inflexibilidade, vista por muitos como prisão, em outras palavras, os projetos de vida sartreanos já não exercem o mesmo fascínio.

Outro aspecto desse mesmo questionamento sobre a condição don-juanesca está na postura adotada de maneira geral pelos indivíduos do mundo líquido-moderno no tocante às relações amorosas. Seja pelo padrão das celebridades defendido pelos “especialistas” de revistas de moda, seja pelo próprio distanciamento exercido pelos meios eletrônicos de mediação das relações, o fato é que, aponta Bauman, “substituímos os poucos relacionamentos profundos por uma profusão de contatos poucos consistentes e superficiais” (BAUMAN, 2005, p. 76).

A esse herói se opõe todo um grupo de pessoas que não acompanham o ritmo dos “ventos globalizantes”, pessoas que não surfam na internet, que não possuem páginas em sites de relacionamentos. Elas estão à margem dos espaços onde as identidades são “buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas”. Mendigos, sem-teto, viciados, analfabetos, mães solteiras ou membros de outras categorias “arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis” são o que Bauman chama de subclasse, uma região inferior na hierarquia do poder. A principal característica desse conceito que é a própria ausência de uma identidade, “a abolição ou negação da individualidade, do ‘rosto” (BAUMAN, 2005, p. 46).

Nesse momento, o estudioso polonês abre espaço para uma crítica profunda do capitalismo em sua versão globalizante, excludente e desumana. Essa crítica, contudo, não cai em uma apologia ao socialismo, para quem as teorias de Marx estariam desatualizadas diante do contexto contemporâneo. O autor esclarece que a principal inadequação das interpretações teóricas de Marx, em sua “versão truncada, reducionista e unidimensional”, estaria na ausência do reconhecimento de que a classe já não funciona mais como âncora social. Além disso, as fabricas atuais estimulam a

competição entre os funcionários, desestabilizando o modelo de solidariedade pensado por Marx.

[...] Ter a expectativa de um recondicionamento da ordem social conduzido pelo proletariado e de um expurgo dos males sociais por este inspirado significa forçar a imaginação de maneira insustentável. [...] As estruturas das empresas capitalistas e as rotinas da mão-de-obra empregada, cada vez mais fragmentadas e voláteis, não parecem mais oferecer uma estrutura comum dentro da qual uma variedade de privações e injustiças sociais possa (muito menos tenda a) fundir-se, consolidar-se e solidificar-se num projeto de mudança. (BAUMAN, 2005, p. 40-41)

Essa descrença no poder transformador do proletariado aliado ao olhar que lê os efeitos devastadores da globalização, seja nos países de industrialização tardia, seja no modelo consumista de nos relacionarmos com os outros, todos são produtos descartáveis, Bauman descreve ao responder às várias perguntas de Vecchi em *Identidade* um quadro amplo da condição do homem no mundo líquido-moderno.

Obra de inestimável riqueza, *Identidade* pode ser lida pelo estudante de sociologia e pelo estudante de qualquer área que deseje conhecer um esboço geral da atual situação da identidade em nossos dias. O livro ainda é precioso instrumento de análise para quem pretende se aprofundar, palavra tão rara em tempos de superficialidades líquidas, na análise do fenômeno cultural, como postulado pelos Estudos Culturais, pois abre o leque de possibilidades para análise de um território amplo “tratados por diversas ciências sociais e humanas: consumo, moda, identidades sexuais, museus, turismo, literatura” (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 15).

Deslocado, fragmentado, desorientado, Bauman elabora um sujeito líquido que salta constantemente em busca do desconhecido, porque o importante não é o objetivo, mas o é próprio processo. Desde no início do livro, ele adverte para o perigoso caminho traçado: “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005, p. 19).

Compete a cada um de nós montar esse quebra-cabeça de fragmentos de peças, sabendo que haverá lacunas em que nenhuma peça se encaixará. Haverá espaços em branco. Com partes de várias figuras se ergue um Frankenstein desengonçado e nos assustamos diante do que vemos. O nosso próprio rosto refletido no espelho do tempo.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3ª ed. Rio de Janeiro: DPU&A, 1999.

MATTELART, Armad. NEVEU, Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.

RENAN, Ernest. ¿Qué es una nación? In: BRAVO, Álvaro Fernandez. **La invención e La nación: lecturas de la identidad de Herder a Homi Bhabha**. Bueno Aires: Manantial, 2000, p. 53-66.

VECCHI, Benedetto. Introdução. In: BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 7-14.